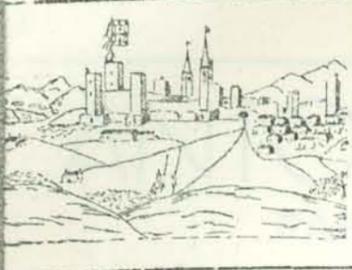


26\$00. no e Estran- zimo dos um ori- não pu- colabore- ollecitada.



Correio de Nisa

SEMÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA.

DUPLAS VIRTUDES

Um artigo de doutrina e análise
— pelo jornalista
ARMANDO DE CASTRO E MELO

O génio de Camões, traduzido pelo equilíbrio e pela beleza das suas produções poéticas, sem dúvida, superior e incomparável. Tanto no género lírico, como no épico, como nas obras de teatro, ele se afirma lido e perfeito, misto de uma rebrança privilegiada e dum forma de ser inteiramente patética e passional.

Quer na cultura genérica que era grande, quer na forma otável de nos transmitir factos e impressões, o grande épico português, autor sempre festejado dum das mais notáveis obras da Humanidade, é sempre um padrão a seguir e um mestre a imitar.

Os quadros primorosos que os apresenta em «Os Lusíadas» cheios de colorido, de vigor e particular engenho, hão de ser, através de todos os tempos, modelos excepcionais, perfeitos.

Por isso, é que a leitura das suas obras constitui, em todos os casos, refúgio e refrigerio ao espírito, nas épocas, a cujo curso assistimos, a todo o momento queimado pela inconsciência da incerteza, pela excitação do meio ambiente, sempre com maior tendência para materializar os sentimentos do que para dar à matéria qualquer coisa de espiritual.

Desde que se disponha de esta preparação, capaz de nos levar a assimilar e compreender os frutos do seu estro celsíssimo, Camões é um recurso, para regressarmos ao almejado equilíbrio, por que suspiramos desde que tivemos a fortuna de um dia conhecer as obras do poeta imortal e, pela mentalidade extraordinária, que constantemente revela, estabelecer premissas de mais rasgados horizontes.

Aberto o livro de ouro da literatura nacional, esse poema incomparável, resultado dum génio único e dum época de extraordinária projecção de heroísmos e grandezas, deparamos, em cada um dos seus cantos e muitas vezes até em cada uma das suas estâncias e dos seus versos, com os melhores documentos que atestam insofismavelmente uma superioridade rática e a razão da nossa existência através dos séculos, no convívio das nações.

Além das forças armadas que, desde o berço da Nacionalidade, têm sabido com especial brilho garantir a soberania portuguesa, «Os Lusíadas» são a melhor prova de quanto tem sido justa e perfeita a homogeneidade da Pátria.

Neles se encontram a cada passo dos mais incontestáveis argumentos. O canto sexto, por exemplo que, pelos assuntos referidos, tem para nós um encanto especial, também, não foge a esta regra, absolutamente genérica. Vejamos «Os doze de Inglaterra». Cortam as caravelas o mar remoto e desconhecido, depois da recepção amigável que proporcionara aos navegantes o rei de Melinde.

Há marinheiros de vigia e lembram-se, para esquecer perigos e trabalhos, de contar histórias que distraiam o espírito. Leonardo propõe narrativas de amor. Mas, ali, tão longe dos lares, seria recordar por esse modo, saudades que era bom deixar adormecidas.

E, assim, Fernão Veloso entende que, na bravura do Oceano, para soldados dum mundo, que iam descobrir outro mundo, nada havia de mais próprio e até de mais conveniente que narrar feitos de guerra, daqueles que determinam uma fúria grande e sonora; e não de agreste avena ou frauta ruda.

«Entre as damas gentis da corte inglesa» — começa Fernão Veloso — e nobres cortesãos, surgiu um dia discórdia que os grandes do Reino não quizeram derimír, para evitar mais graves dissensões.

E tristes e chorosas, as damas ofendidas vão tomar conselho com o Duque de Lencastre, representante das melhores famílias daquele povo incomparável.

O Duque, filho de João de Gaunt e neto do rei Eduardo III, quando intentou conquistar Castela, à morte de seu sogro D. Pedro I, assassinado por Henrique Trastamarra, combinou com Portugal pôr em prática o seu intento.

E vindo à Península e contratando com D. João I o casamento de sua filha Dona Filipa por aqui deixou as suas simpatias e, simultaneamente, o seu coração de pai.

Ficou, deste modo, conhecendo o valor, a coragem, a gallardia dos portugueses.

E, consultado pelas «damas gentis» da corte inglesa, o Duque de Lencastre indica-lhes os homens de Portugal, como os melhores para sustentarem a sua «parte a fogo e ferro».

E partem os heróis, fazendo-se ao mar, enquanto Magriço aventureiro e legendário, se mete por terra, desejoso de conhecer as grandezas da Europa.

E, finalmente na grande Inglaterra, chegados ao «público teatro», onde se trava o combate, de tal forma se houveram

MOSAICOS

Vai aparecer brevemente em *Colúmbia* uma revista mensal, subordinada ao título: «Informação Literária», cujo objecto será o movimento bibliográfico dos nossos dias. Trabalhos desta ordem, embora ingratos, porque infelizmente a preparação cultural não basta para os apreciar, são recebidos sempre com redobrada emoção.

A grande figura do teatro português, João Vilarrett realista, hoje pouco, no teatro de S. João, no Porto, mais um dos seus brilhantíssimos recitais.

No Museu de arte contemporânea, dirigido pelo notável escultor Diogo de Macedo, encontram-se em exposição os retratos de Antero do Quental, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão.

Há um ano, faleceu repentinamente, em Colúmbia, o Doutor Vergílio Correia.

Nobre figura de intelectual, mas no sentido técnico e consciente da expressão, o Doutor Vergílio Correia deixou vago um lugar que não é fácil preencher.

«ÇA MARGHE...»

A propósito do artigo que inserimos no primeiro número, subordinado a este título, disse de sua justiça, o nosso prestimoso colaborador Baptista Rosa.

Como, afinal, todos se orientam no sentido do progresso de Nisa, muito nos congratulamos o facto e, damos o assunto por encerrado.

Gazetilha

Há festa rija em Arês — dizem programas famosos — onde os rapazes garbosos não faltarão desta vez. Haverá coisas de entremez, mais lindas do que os amores; decididos corredores, bem gentis, a pedalar. E Nisa, a «Corte» sem par manda lá «embaixadores»...
SUMATRA DE LEMOS

os heróis lusitanos, que as gentis damas e o Duque os comularam de honras e presentes. Palpitaram a compago as almas dos dois países.

Descrito o successo por Luis de Camões ainda as figuras ganham mais realce e conceito, pois trata-se dum episódio dos de maior evidência em todo o seu poema, indicando-nos também que foi um herói da alta pleiade inguesa que reconheceu as qualidades dos cavaleiros de Portugal, país onde deixara o seu coração de pai, que os factos depois tanto enobreceram e que determinou um traço de união forte e indissolúvel, entre as duas pátrias distantes.

Astrigildo Chaves

Não seriam descabidas na Secção deste semanário — «Recordar é Viver» — as considerações que me sugeriu o artigo, inserto no seu primeiro número, sobre a personalidade de Astrigildo Chaves.

E' que, na verdade, ao lê-lo, eu recordei e vivi os momentos inolvidáveis, em que, na mesma escola, aquela onde mais tarde eu viria a preleccionar, pude apreciar a vivacidade intelectual, o génio irrequieto e azougado de Astrigildo Chaves a contrastar com a precoce sensatez, ponderação e equilíbrio mental de seu irmão Américo.

Ao contrário do que erradamente supõe o articulista António Mota, nem Astrigildo nem Américo Chaves nasceram em Nisa. Não podemos, por isso, orgulhar-nos da sua conterraneidade; mas nem assim nos li-sojeia menos o afecto, a predilecção de um e outro pela nossa terra.

Azares da vida os trouxeram, meninos e moços, de Evora para casa de seu primo, Sr. José Manuel da Fonseca, pai do benfiquista e Jeditado tísense, Sr. José Vieira da Fonseca. Aquí viveram anos, com sua bondosa mãe e uma irmã, D. Maria José Chaves, a única sobrevivente da desventurada família.

Américo Chaves, como seu irmão, era um singular temperamento de artista. Os seus desenhos, já na escola primária concitavam a admiração da classe e o aprêço do mestre, o

zeloso professor Manuel Dias Grilo.

Feito o exame do segundo grau, frequentou o Seminário de Santarém nos primeiros anos de preparatórios. Sequioso autêntico, enriqueceu o espírito de variada cultura, mostrando sempre accentuada preferência por assuntos de arte.

Ainda me foi dado o prazer de o ter como auxiliar na minha escola particular de ensino secundário, talvez aí por 1904, e jamais poderei esquecer o inteligente e preciso concurso da sua actuação como professor de desenho.

Mas uma implacável doença, a sinistra segadora de tantas mocidades em flor, a breve trecho o empolgava e só descravaria as garras do seu corpo enfermigo e exanque para tirá-lo, poucos meses volvidos, para a algidez da funérea cova.

Já nessa época Astrigildo Chaves confiara ás contingências do Acaso a solução do problema do seu futuro. A irrequietude de temperamento não lhe consentiu suportar a disciplina da Casa Pia, onde fora internado após o curso da escola primária.

Assentou praça no antigo regimento de infantaria 22, em Portalegre, e, daí em diante, a sua existência foi um vendaval de inenarráveis tormentos, mar escapelado de ondas de infortúnio, tornadas mais alterosas e indomáveis pelos ventos pèrfidos da politica e da corrupção

Conclui na pag. 2

«Notícias de Evora»

Recebemos a visita deste nosso colega, diário prestigiado que se publica na velha capital alentejana.

Na sua primeira página, dá nota do aparecimento do «Correio de Nisa» e saúda-nos. Sinceramente reconhecidos, agradecemos a gentileza.

No Hotel de Turismo de Castelo Branco

Realizou-se há dias, neste imponente hotel, recentemente inaugurado, uma festa de confraternização dos alentejanos residentes na progressiva capital da Beira-Baixa. Na reunião, que decorreu sempre muito animada, trocaram-se affectuosos brindes.

Os nossos Correspondentes

E' com muito agrado que registamos terem já dado sinal de vida os nossos presados correspondentes de Alpalhão e Montalvão. O «Correio de Nisa» está-lhes muito grato.

A Língua Pátria

A mania dos purismos, em matéria de syntaxe, manda dizer «apertar a» e não «apertar contra».

O grande Epifânio Augusto da Silva Dias, astro de primeira grandeza, nestes mundos da linguagem, também aponta o caso na sua «Syntaxe Histórica Portuguesa».

Mas a verdade é que o nosso maravilhoso épico de Quinhentos diz — e muito bem — «apertar contra». Ou Camões não soubesse o valor da preposição latina...

Falta de espaço

Devido à falta de espaço, com que lutamos, desde o primeiro número, não nos foi possível publicar muito original, solicitado aos nossos colaboradores.

Iremos, atentas as possibilidades, dando solução a estes escolhos.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

BRITANIA
AM NA
ABRIN
CONTRA
JAPONES
TO DA
A.

odelo

DE
Piqueiro
DAIS
medida, pa
e creança
balhos d

Pinto

hesite

entral

os
módicos

ca, 120

les

MI

em elec
perigo

AÇÃO

nes
NISA

facto ver
vilhoso
is.

leu o sr
o há me
r em Mon
tão atri

senhores
apitão de
o passo

deus! ma
o Maury
imou ad
do tribu
vem par
pregun

de Alen

tempo?
TINUA)

ORREIO
RCULA
IS.

ANTOLOGIA

FÁBULA

por Alberto de Serpa

A alegria é uma água corrente e límpida,
e a vida não nos deu uma taça...

A água passa por nós, correndo,
as nossas imagens param, reflectidas,
as pernas vergam-se ao peso de tantos pesos,
os joelhos tocam a terra úmida e viva,
e na concha das mãos tomamos água para a
nossa sede.

Cuidadasas, lentas, em caricias fraternas,
as mãos sobem aos lábios secos e gretados
que descem a beijar.
Mas a água foge-nos sempre por entre os dedos,
e só bebemos as lágrimas que nos caem dos olhos...

Rectificação

No artigo «O Fundador de Nisa», publicado no n.º 1.º deste jornal, por inadvertência e lapso de memória, pois esse artigo foi muito ao correr da pena, atribuí-se a Pedro, o Pacifico a concessão do título de Notável à vila de Nisa, depois da guerra da restauração e pelos serviços nela prestados.

Foi tal lapso devido a confusão com a concessão de igual distinção à vila de Castelo de Vide.

Quanto a Nisa, aquêl título de Notável foi-lhe conferido por el-rei D. João I, de Boa Memória, o qual na verdade, por alvará do ano de 1427, como refere Frei Manuel Camberro na sua memória Paroquial de 26 de Maio de 1858, arquivada na Torre do Tombo, também concedeu a Nisa os privilégios de não pagar portagem nem montados.

Esse alvará constava do primeiro livro do Tombo da Câmara Municipal de Nisa que, tendo sido remetido para Lisboa, ali desapareceu no incêndio do Tesouro Nacional, no ano de 1834, como refere o Dr. Mota e Moura.

Aqui fica, pois, a rectificação devida.

Dias Loução

Caminho de Ferro do Leste

Desde o dia 23 do corrente mês de Julho, estão restabelecidos os combóios números 151 e 152, com os seguintes horários:

Castelo de Vide, partida às 11,25, nas quartas, sextas-feiras e domingos, chegando a Lisboa às 16,32 horas.

Partida de Lisboa às 15,25, nas terças, quintas-feiras e sábados, e chegada a Castelo de Vide às 20,01.

Além destes combóios continuam a efectuar-se o «Lusitânia Expresso» e Mercadorias.

Casamento

Realizou-se em Alpalhão no dia 21 do corrente, em absoluta intimidade familiar, o enlace matrimonial de D. Maria da Conceição de Oliveira Casquilho, com o Sr. João Frade Caldeira, abastado proprietário e lavrador em Alter do Chão.

Aos noivos desejamos todas as venturas, no lar que acabam de constituir.

Astrigildo Chaves

(conclusão)

do meio em que viveu.

São desse período os seus versos de panfletário, nos quais em arremetidas furibundas de sans-culotte, deixa transparecer, em alexandrinos de boa técnica, a formação do seu espirito, imbuído na poesia revolucionária de Junqueiro e Gomes Leal.

De queda em queda, foi-se precipitando no resvaladouro da mais atra perdição, até que, um dia, parou e conseguiu divisar, por entre a bruma envolvente, um clarear de redenção. E, de olhos fitos na luminosa estrada da perfeibilidade, encetou a marcha calma do porvir. Poucos passos andados, porém, caía-lhe sobre a nuca a frialdade do mesmo acerado gume que cortara cerce a vida do pai e do irmão.

E o infeliz Astrigildo morreu assim, quando o sorriso duma inocente criança, que era a alegria do seu lar, poderia fazer esquecer-lhe as agruras do passado.

E morreu sem que, das suas faculdades intelectuais, da sua alma de poeta e de artista, de congénito vigor e durante tanto tempo transviadas por doutrinas malsãs, nada mais ficasse do que um vivo e longo quadro luzeiro amortecido de sombras.

J. FIGUEIREDO

Sob os Ciprestes

No dia 24 de Julho, morreu afogado no «Pego do Marmeleiro», José da Cruz Lopes Asturiano, filho estremeado do Sr. Francisco Martins Asturiano e de Virginia Lopes Asturiano.

Aos desolados pais tão cruelmente feridos por este golpe impiedoso do destino, apresentamos o «Correio de Nisa» a expressão sentida de muito pesar, tanto mais que no próprio dia do desenlace fatal se festejava no lar a passagem duma gentil menina, irmã da victima, que havia feito o seu exame de Instrução Primária.

E a vida segue assim, num vale de lágrimas, num rosário de saudades.

Dr. Lopes Louro

Acompanhado de Sua Ex.ª Família seguiu para a Figueira da Foz o Sr. Dr. Lopes Louro, distinto médico, em Montalvão.

Recordar é viver!...

POR CAUSA DUM GALO

Em 21 de Abril de 1907 chegou a Nisa um rapaz de 22 anos, natural de Soure, condenado a degrêdo para esta vila, por dois anos.

O fundamento da pena dizem-nos ter sido o roubo de um galo, em que foi conivente uma rapariga de 18 anos, presa, segundo informa o degredado, na cadeia daquela comarca.

Naturalmente o galo cantou... e, na ânsia de abafarem o denunciante, que assim ia pôr a descoberto alguma cena que desejariam ignorada, lançaram-lhe a mão...

O rato do galo!

PELA CAMARA

Em sessão de 8 do mesmo mês e ano, a Câmara Municipal concedeu a aposentação ao amanuense, Sr. Emilio Carita, que, na sua longa carreira de funcionário, revelou grande honestidade de carácter e zelosa actividade.

Para o mesmo cargo foi nomeado o Sr. Fernando Matutico em sessão de 11 de Novembro.

Dr. Carita Remexido

Para a Figueira da Foz, partiu, em gozo de férias, o Ex.º Sr. Doutor Carita Remexido, médico distinto e importante proprietário em Montalvão.

Ao prezado Amigo e assíduo leitor, entusiasta sincero pelo «Correio de Nisa», desejamos, bem como a Sua Ex.ª Família um merecido repouso e todas as prosperidades.

«A Indústria»

Este prestigiado semanário, de que é Director, o nosso particular amigo e distinto colaborador, António Alves da Mota, entrou, com o N.º 939—uma capicua, pronúncio de boa sorte—no XXIII ano de existência.

Por tal razão apresentamos-lhe cumprimentos e desejos de futuro ridente, (Java).

Casa Araújo

Dêste importante armazem de lanifícios da praça de Nisa recebemos, com amável dedicatória, um artístico calendário de parede, para a Redacção do nosso jornal.

Muito gratos pelo gentil oferecimento e os melhores desejos de largas prosperidades à Casa Araújo.

Prof. Serafim Gonçalves

Para Espinho, em gozo de justíssimas férias, partiu há dias, acompanhado de Sua Ex.ª Esposa, o nosso particular Amigo e Colaborador, Professor Serafim Gonçalves.

Muitas felicidades e alegre repouso.

Cine-Theatro Nisense

Consta-nos que esta casa de espectáculos vai ser convenientemente reparada, pelo que deve encerrar, no mês de Agosto.

Pedras

de um grande templo

5 de agosto de 1538—O muito illustre D. João de Castro, descobre neste dia «o desvio da agulha de marcar» estando surto em Moçambique na armada de D. Garcia de Noronha em que viera de Lisboa desde 13 de abril. Foi uma das grandes almas científicas esse grande português a que a ciência náutica muito deve.

6 de agosto de 1623—O Papa Urbano VIII confirma, por bula desta data, a canonização feita pelo seu antecessor Gregório XV, de S. Francisco Xavier, o grande Apóstulo das Indias e que tanto prestigiou o nome Portugal em todo o Oriente.

7 de agosto de 1500—O rei D. Manuel I concede novo foral à cidade de Lisboa, capital do poderoso Império que a pleiade de homens illustres que o rodeavam la creando pelo mundo. O 1.º foral da cidade datado do 1179 fora dado por D. Afonso Henriques. Do 1.º existem cópias, havendo porém deste de 1500 o original.

8 de agosto de 1709—Eleva-se nos ares na Casa da Índia, em Lisboa, e na presença da Corte, a célebre «passarola» do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Só 74 anos depois os irmãos Montgolfier, franceses, subiriam no seu aerostato. E' pois, dum português a invenção do aerostato.

9 de agosto de 1290—O Papa Nicolau IV sanciona, pela bula dirigida à Universidade, a fundação d'este «estudo geral» em Lisboa por iniciativa do esclarecido rei D. Deniz de Portugal. Foi esta a primeira Universidade Portuguesa e dela descendem a de Coimbra de tão grandes tradições.

10 de agosto de 1500—O navegador português Diogo Dias descobre a Ilha de Madagascar. Foi conhecida pelos nomes de Ilha da Lua e de S. Lourenço.

11 de agosto de 1849—Morre em Lisboa o illustre juriconsulto João Pinto Ribeiro, um dos portugueses que tornaram possível a feliz Restauração de 1640. Era filho de Manuel Pinto Ribeiro e de D. Helena Gomes da Silva. Tomou em Coimbra o grau de bacharel em Direito Canonico em 1615. Foi Juiz de Fora em Pinhel e em Ponte de Lima. Em 1639 foi nomeado Agente da Ducal Casa de Bragança em Lisboa. Foi feito Cavaleiro da Ordem de Cristo nesse ano. Foi verdadeiramente o agente de ligação entre os Conjurados e o duque D. João. Após a Restauração foi Conselheiro da Fazenda, Contador das Contas do Reino. Desembargador e Guarda-Mór da Torre do Tombo.

Deixou várias obras sobre a legitimidade do Senhor D. João IV ao Trono de Portugal.

Quem Canta...

A salsa do meu quintal arrebeta pelo pé; assim arrebeta a boca a quem diz o que não é.

Muito bem!

Uma numerosa comissão composta pelos elementos mais representativos de Montalvão avistou-se com o Ex.º Sr. Governador Civil, a fim de solicitar o estabelecimento, naquelle Localidade, de um sub-porto da G. N. R.

Velhos Dizeres

A cabo de um ano, tem creado as manhas do ano.

Mais corre ventura que ca valou ou muita.

EM NISA
PREFIRAM A
BARBEARIA
de Carlos Justino de Sousa
Praça da República — 131

José Fradisto Basso
Advogado
Telefone 9
NISA

Dr. A. GAGLIARDINI GRAÇA
Médico Municipal
Doenças de Boca e Dentes
Rua de Júlio Basso
Telefone 25
NISA

Carlos G. Telo Gonçalves
Médico
Telefone 39
NISA

Carlos Bento Pestana
Advogado
NISA

João da Cruz Rosa

Fabricante de Paralelepípedos Cubos, pedra de calçada passeio, Brita para estradas, caminhos de ferro, cantaria para Lancell e prédios, tudo de granito azul, de primeira qualidade.

Fornecedor para as melhores avenidas de Lisboa arredores.

PEÇAM AMOSTRAS E PREÇOS
Largo de Serpa Pinto, 18—2.º
NISA
Rua Ilha Terceira, 7—2.º
LISBOA

Mário Diniz Bicho
MERCERIA IDEAL
Largo de 5 de Outubro
NISA
Miudezas e Mercaria flua Agente da Companhia de Seguros «TAGUS». Depositário de Livraria «Lello & Irmão, Ld.ª»
TELEFONE N.º 34

FA
Lico
Tele
Franc
Telefone 1
JOGOS FARDAC
a vapó
FÁBRIC RAMAS
PADARI emp
LAGAR gem à tro
AUTOM T
LAVOU
CA
exclusiv
arua», «
plino» Ca
Biramara
Miudez
Praça d
Per
M
em apri
cidade
M A X
Frac
Rua d
Op.
MC
1.º 2

Anúncios—1500 cada linha, segundo o hâmetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos — especiais. Número avulso—\$50. Numeros trazados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—2000 contínuo; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem gíngivas quer sejam ou não aplicadas. — Toda a contribuição para o jornal é solicitada.

Recompensa

(conclusão)

sua repulsa e alistou-se nesse quadro vivo de pedintes que nós vemos todos os dias, a esmolar de porta em porta. Aquela alma, agora, era acometida de pavor; criara ímpetos de revoltado; e, no cérebro gasto e confuso, apenas havia um vislumbre que lhe prometia classificar os homens de injustos e impiedosos. Na verdade, a sociedade deu-lhes o mais rude golpe de ingratidão: lançou-o ao desprêso e condenou mais dois inocentes. Hoje não são mais que pedaços de almas a sangrar, rogando a Deus que os chame a si. Na passagem desse lugubre cortejo de pedintes, só pela dor, o ar torna-se pesado e irrespirável, a alvura dos prédios parece revestir-se de luto, as aves interrompem os seus alegres gorgelos, as flores perdem o aroma e o colorido vivo que lhes dá a beleza; e as crianças fogem como assustadas. Só tu, homem, ficas indiferente e és insensível, perante este quadro, esta chaga humana a que amanhã poderás pertencer. Sofrem assim no geral, os nossos velhinhos, que a cada passo imploram misericórdia. Eles que deram todo o seu préstimo, queimaram as suas energias e trilham o caminho da honestidade! É cruel na realidade esta recompensa, a que lhes damos! A existência deste quadro, esta imperfeição humana, que os homens criaram, é filha do nosso comodismo e desaparece pelo sofrimento alheio.

É sempre nobre e louvável levantar o homem caído; e muito especialmente os inválidos honestos. «Nem só de pão vive o homem». Não basta termos um jardim, um teatro e ruas bem calcetadas; é necessário protegemos essa legião de abandonados, que ainda ontem eram homens como nós; não descurar este assunto; não os deixarmos para trás, à recatada guarda de outros banais acontecimentos que a vaidade pretende tomar com cousas notáveis. Na generalidade, hoje, os homens só pelo interesse colaboram em qualquer obra, condição imposta pelo egoísmo que corrompeu a humanidade. Felizmente as almas bem formadas não se deixaram contaminar por essa doença tão em voga. E assim, é vulgar vermos edificar instituições de beneficência em localidades de categoria inferior à nossa. Tem melhor gente? Não! Nisa tem bons amigos, tem filhos do melhor quilate, com os melhores predicados do povo que é bom e humilde. Temos na nossa casa toda a matéria prima para construir essas quasi divinas e tão simpáticas obras. E desse bem, dessa migalha de bem, donde todos colaborassem, teríamos, por recompensa, uma das maiores doçuras humanas,

Tribuna livre

(conclusão)

obras primas, o testemunho e o exemplo do seu altíssimo valor como escritor e como psicólogo.

Hivemos de contar um dia em que consiste o que se tem chamado o «milagre grego» e o que ficamos devendo, depois do divino e incomparável Homero, aos clássicos gregos, aos nossos ilustres antepassados. Dizemos bem nossos porque no alvorecer da civilização, deram, numa arrancada formidável, a volta completa aos sentimentos humanos e iluminaram o Mundo do espirito com os clarões duma beleza imorredoiira.

Queríamos aproveitar hoje da oportunidade, para contarmos o mais singelamente possível aos nossos leitores—se é que temos alguns—principalmente aqueles que a não conhecem e desejam ouvir a peça do Nacional, a história complicada da infeliz Antígona.

Estamos em plena Mitologia grega, como nos é revelada pela Odisseia

A Laio, rei de Tebas, foi vaticinado por um oráculo que seria morto por um filho que tivesse e que este desposaria sua mãe. Tendo nascido pouco depois um menino da sua união com Jocasta, Laio mandou-o abandonar fora do reino, de pendurado de uma árvore, com a cabeça para baixo. Encontrado já com os pés inchados—e daqui o nome de Edipo que veio a ter—por uns pastores que o levaram ao rei de Corinto, este mandou o educar principescamente. Torna-lo homem foi-lhe revelado por uma sibila que não devia regressar à pátria porque era sua sina matar seu pai e casar com sua mãe. Edipo expatriou-se e dirigiu-se para Tebas. Encontrou no caminho um homem com quem teve uma contenda e a quem matou. Era Laio. Estava cumprida a primeira parte do vaticínio.

O pai era então assolado pelos malefícios de um animal fabuloso, com cabeça de homem e corpo de leão—uma esfinge—que devorava aqueles a quem propunha enigmas que ficavam por decifrar. Saiu ao caminho a Edipo e perguntou-lhe qual era o animal que andava com quatro pés de manhã, com dois ao meio dia e com três à noite. Edipo—cujo nome ficou conhe-

a doce consolação que sentimos, ao aliviar a dor alheia, quando damos o nosso braço em que alguém encontra amparo.

ANIBAL GOULÃO

AO LEITOR

(Conclusão)

José Beato Caldeira Mi-guens, Manuel Granchinho, Dr. Jorge Luiz Caldeira Mi-guens, Prof. Serafim Antó-nio Gonçalves, Dr. Jorge de Sampaio e Eça da Fonseca Bastos — indicados pela ordem de recepção das respectivas importâncias)

Foi necessário publicar estes nomes para por fora do «ring» alguns gabarolas que desejavam passar por gente de mãos largas; contudo, vis quais as cobras e «capazes de vender os próprios pais por dez escudos», como disse, aqui no Cine-Teatro, um tal «Kalwó», prestidigitador de mérito e homem educado.

Mas, afinal, a quem devemos a gestação da infâmia e a sua posterior nutrição, cuidada por aqueles que a acreditaram, medindo, pelos seus actos, os actos dos outros?

Desconhecemos e não o procuramos saber, porque, ao traçarmos estas considerações, desprezenciosas como a modéstia e suaves como arminho, só desejamos devolve-la, intacta e perfeita, aos vilões de beatria que a conceberam e prepararam.

A DIRECÇÃO

cido como simbolo da argúcia—viu na pergunta o emblema do homem que anda de galas em criança, se ergue e marcha quando adulto e caminha curvado sobre o bordão na velhice. A esfinge enfurecida com a resposta, afogou-se no mar.

Creão, sucessor de Laio, havia prometido o trono e a mão de sua filha Jocasta a quem delivrasse o pai dos malefícios do monstro. E Edipo casou com Jocasta, consumando-se assim o vaticínio.

Deste casamento incestuoso—certas bizarras sentimentais são conhecidas na Medicina com a designação de «complexo de Edipo» — nasceram quatro filhos, Ismênia, Etole, Polinice e Antígona.

Novo oráculo revelou o mistério. Jocasta enforcou-se e Edipo arrancou os próprios olhos dirigindo-se depois para Colona, conduzido por Antígona que não deixou de lhe servir de guia até morrer.

Não acabam por aqui as desgraças. Polinice e Etole matam-se um ao outro em combate. E Creão, de novo no trono de Tebas, proibiu que Polinice fosse enterrado porque combatêra contra a sua pátria. Mas Antígona, protestando contra esta determinação inhumana, desobedeceu amorta-

Hino - prece a Nossa Senhora da Graça Padroeira de Nisa

Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora de Nisa, Dai-nos a Graça e o perdão De que a nossa alma precisa.

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe, nossa esperança, Dai-nos a paz e a ventura Que só convosco se alcança.

Nossa Senhora da Graça, Círio que sempre alumia, Leval-nos por bom caminho, Sede sempre o nosso guia.

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe e protectora, Abençoai os nissenses, São vossos filhos, Senhora.

Nossa Senhora da Graça, Senhora do nosso encanto, Abrigai-nos, carinhosa, Nas dobras do vosso manto.

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe, nossa madrinha, Deitai-nos a vanta benção Lá da vossa capelinha.

Se V. Ex.^a tem frio é porque querel...

Vista-se com lanificios da

Casa Araújo

e verá como anda quentinho.

Seja moderno usando o nosso cachecol xadrês, padrões exclusivos, pengos e camisololas de lã, variado sortido.

TUDO TABELADO

lhando e sepultando o corpo de seu irmão. Tal attitude valeu-lhe ser enclausurada numa masmorra onde acabou por suicidar-se juntamente com seu dedicado noivo Hermon, filho de Creão.

Dentro de uma trama tão complexa — que pretende mostrar como o ser humano é por vezes o joguete de circunstâncias insondáveis—e dum assunto tratado por tão ilustres predecessores, não sabemos qual a feição predominante que, nesta revivência do teatro antigo, o ilustre dramaturgo vai dar à hroina, figura simbólica do amor final e fraterno.

Mas é certo que o acontecimento constituirá uma estrofa emocionante e ao mesmo tempo um verdadeiro regato espiritual

X.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

Nossa Senhora da Graça, Nossa Santa Padroeira, Acompanhai-nos, Senhora Na nossa hora derradeira

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe e Mãe de Deus, Dai-nos a graça na terra E a luz perpétua nos céus

Lá da sua capelinha Que se vê de toda a parte, Nossa Senhora por toda a sua Graça reparte.

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe celestial, Valci-nos nas aflições, Livrai-nos de todo o mal

Nossa Senhora da Graça, Sol que brilha e nos aquece, Dai-nos a graça, Senhora De acolher a nossa prece

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe, nossa alegria, Aos vossos filhos de Nisa, Dai o pão de cada dia

Nossa Senhora da Graça, Rainha da nossa terra, Livrai o povo de Nisa Da fome, da peste e guerra

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe, Mãe de Jesus, Aliviai-nos, Senhora, O peso da nossa Cruz

Nossa Senhora da Graça, Linda flor de Nazaré, Acendei em nossas almas O fogo vivo da fé.

Nossa Senhora da Graça, Nossa mãe, mãe dos pobres, Dai aos nissenses a luz Dos vossos olhos benfazejos

Nossa Senhora da Graça, Nosso auxílio nas horas, Mitigai nossas angústias, Enxugai o nosso pranto

Nossa Senhora da Graça, Nosso místico ciclo, Na hora da nossa morte, Nos mostrai a Jesus

Jodo

«Toma lá Carta»

Não me importo de quem de mim quem fala fica quem eu fico sempre quem

PARA ASSINAR ESTE

BASTA REMETER A

UM VALE DE CO

VINTE E SEIS

Anúncios—1800 cada linha, segundo o linómetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contractos especiais. Número avulso—850. Números atrasados: 1800. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26800, no continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo dos portes. Não se restituem originaes quer sejam ou não publicados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

“Currente Calamo”

A' mēsa do Café a conversa anima-se; e vem a propósito falar da mocidade.

Numa espécie de absorção espiritual à Rousseau, foi-nos fácil recordar os tempos de outrora — confissão tácita dum velho precoce — aquela flór de Lotus, como diz Guerra Junqueiro «que em cem anos floresce apenas uma vez».

Vieram a terço todos os romances que melhor nos tinham apaixonado, recordações dum época já tão distante, com a feliz esperança dum continuidade, mas na angústia dum impossível regresso. E passaram ante a nossa visão e a nossa saúde a Cerise, de Terrail; a Germana de Bousenard; «A Avó» de Richebourg; os romances de Maupassant, de Montepin, de Daudet, de Hyusmanns, de Pierre Maël, as estranhas visões de Hoffmann, enfim, quilogramas de livros que nos mantinham a imaginação e que em geral Luiz Cardoso e José Sarmiento habilmente traduziam.

Recordaram-se, acidentes de enredos, situações de extrema delicadeza e pasmo, sempre que corriam perigo, ou o «galan» — que desejamos ser — ou a pudibunda donzela que, logo de começo, á leitura nervosa das primeiras páginas, ficava ciiosamente guardada, como joia preciosa, no cofre do nosso coração, que só nós — estouvada mocidade — supunhamos saber abrir.

Mas de facto é que da mocidade só á distância recende o seu perfume, porque ela a ninguém ousa confessar-se. Teme-se o mundo exterior, embuido do vil materialismo que a afasta, perante todas as manifestações da sua candura, da sua inocência. «Cet âge est sans pitié», escreveu Michelet; e Leão Tolstoi declara-nos: «fóra dos meus estudos, as minhas ocupações consistiam em sonhos e reflexões solitárias».

Grémio da Lavoura

Iniciamos hoje esta utilíssima secção, em que todos os interessados podem encontrar os elementos, necessários para as respectivas actividades agrícolas.

Por tal, não é de mais que aconselhemos aos Sr. lavradores a sua leitura constante e atenta.

TRIGO E CENTEIO—Os produtores são obrigados a efectuar os manifestos do trigo e centeio, no prazo de 10 dias, após a debulha do cereal; e nunca além de 15 de Outubro.

CEVADA—O manifesto será feito no prazo de 10 dias, após a debulha; e nunca depois de 15 de Setembro.

SULFATO DE COBRE—Por determinação da Junta Nacional do Vinho, terminou no passado dia 10 a distribuição de Sulfato de Cobre, para tratamento de vinhas.

pações consistiam em sonhos e reflexões solitárias».

A mocidade vive o grande sonho do futuro, como agora tantas vezes se recorda esse outro sonho do passado. Recolhe-se a si própria e vive do seu intimo. Afasta para longe as coisas rasteiras e, qual anjo de azas brancas, pretende voar ao Céu.

E, quando ante nós prepassa com mágica visão, toda essa fantasmagoria de saúdaes, sentimos-nos a sombra de nós próprios, «l'ombre du moi que j'étais», como escreveu Anatole France, talvez em «La Vie Littéraire».

Más «o recordar é viver» e, por isso mesmo, a mocidade parece continuar-se em nós, ao evocarmos essa quadra incomparável, mas infelizmente já distante.

E' que os nossos corações ainda hoje batem descompassados, Cerise, com de Terrail, pela Germana, de Bousenard...

LUIZ COSTA

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6	7	8
1	■	■	■	■	■	■	■
2	■	■	■	■	■	■	■
3	■	■	■	■	■	■	■
4	■	■	■	■	■	■	■
5	■	■	■	■	■	■	■
6	■	■	■	■	■	■	■
7	■	■	■	■	■	■	■
8	■	■	■	■	■	■	■

HORISONTAIS — 1-Brinquedo de crianças; 2-Junco com que se fabricam esteiras; 3-Nome de letra (inv.)-estrado onde se coloca o caixão com o cadáver, durante as cerimónias fúnebres; 4-ave-letras de «sapos»; 5-que tem asas - pronomes pessoais; 6-romano (inv.); 7-nota musical; 8-eventualidades.

VERTICAIS: 1-idade - forma do pronome «o»; 2-batente; 3-poeira - ali - utensilio agrícola; 4-inflamação; 5-animação (pop)-ção (inv.); 6-titulo dum obra em verso, muito lida - maldosa; 7-inhábil; 8-fama (pl.).

Grupo D. Portalegrense

Com os melhores agradecimentos, acusamos a recepção do «Boletim do Desporto» (número único), comemorativo do vigésimo aniversário do G. D. P. Apresenta ridente aspecto gráfico e larga colaboração, prova de que as gentes do desporto em Portalegre não desconhecem o velho proloquio «mens in corpore sano», divisa muito antiga, mas também, em certas circunstâncias, muito esquecida.

Desejamos ao «Grupo Desportivo Portalegrense» as maiores prosperidades, collocando ao seu dispôr — e sempre que possível — tudo que estiver ao nosso alcance.

Interesses do Distrito

O Senhor Governador Civil do Distrito conferenciou recentemente, em Lisboa, com os Senhores Ministros da Educação Nacional e das Finanças e com o Senhor Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, avistando-se também com o Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a propósito de assuntos pendentes sobre o Distrito de Portalegre.

«O Castelovidense»

Este nosso muito prezado colega de Castelo de Vide, dirigido prestigiosamente pelo Ex. Sr. Engenheiro Alexandre Durão Cordeiro, entrou, com o número 595, no seu 14.º ano de existência, pelo que se apresentou com 12 páginas, plenas de boa colaboração.

Os nossos sinceros parabens e desejos muito ardentes de largas prosperidades futuras.

Velhos Dizeres

Antes a face, com fome, amarela, que com vergonha nela.

Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros que é baixa.

Em Espinho

Encontra-se em Espinho, no goso de férias, o Sr. Dr. Jaime de Almeida acompanhado da Ex.^{ma} Família, a quem desejamos o justissimo repouso que merecem.

Dr. Matos Cardoso

Tivemos a honra de cumprimentar, há pouco, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Matos Cardoso, figura de relêvo da visinha povoação de Amieira e importante proprietário.

O Sr. Dr. Matos Cardoso, pelas suas gentilezas e altas qualidades de caracter, merece-nos a melhor consideração e, por tal, é sempre com muito prazer que registamos vê-lo entre nós. Sua Ex.^a teve palavras amáveis para o «Correio de Nisa» que, desvanecidos, agradecemos.

Alberto Godinho

Chegou á Póvoa e Meadas o Ex.^{mo} Sr. Alberto Godinho, illustre colono, nas nossas terras de Alê-Mar. Os nossos cumprimentos.

«Rainha de Nisa»

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, menina Maria Augusta Charinho que nos veio visitar e referir quanto agradável lhe foi a visita á Capital do Norte, don'trouxe, disse-nos, inolvidáveis recordações. Folgamos com factos e agradecemos a gentileza da visita, realçada pela interessante mocidade.

Cartão de Vizita

Enviou-nos cumprimentos Reverendo pároco de Póvoa de Meadas, Padre Frederico M... e outros dos Reis. Agradecemos sensibilizados o amável cartão de vizita e retribuimos a gentileza com os mais sinceros desejos de muitas felicidades.

Dr. Jorge Miguens

Para Lisboa, donde seguiu para Espinho, ao encontro do Ex.^{mo} Esposa e Filha, parados dias o Sr. Dr. Jorge Miguens, digno Conservador do Regio Civil, em Nisa.

Desejamos-lhe muitas felicidades e regresso breve ao seu viverio dos amigos.

MIGUEL MARQUES DIAS

Na passada 2.ª feira, eis o nosso prezado amigo, Sr. Miguel Marques Dias, quem felicitamos, desejando-lhe, bem como a sua Família, todas as prosperidades de que são dignos.

Correspondência

Recebemos do nosso Amigo Sr. António Portuga Moura, uma carta gentil, que nos agradece as referências feitas num dos números do jornal ao seu saudoso sobrinho, impiedosamente arrebatado pela morte.

Nada tem que nos agradecer, pois apenas registamos o dever cumprido.

De Parabens

Passou, no dia 13, o aniversário natalicio do Ex.^{mo} Sr. Jorge Miguens, nosso estimado amigo, a quem daqui felicitamos, com os mais ardentes desejos de muitas felicidades.

«Índice»

Deu-nos a honra da sua visita «Índice» — Recortes de jornais. Agradecemos e já estabelecemos permuta. Trata-duma organização recomeçada e muito útil, instalada em Lisboa, na Rua da Trombeta, N.º 10—2.º andar (ao Campo). Desejamos-lhe muitos progressos.

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Este activo departamento do Estado, cujo obra já hoje se de consideração gigantesca, ao dispor deste jornal toda a fotografia já publicadas respectivos «Boletins». Muito sinceramente recordamos, agradecemos a gentileza do Arquitecto Sr. Baltazar Castro.

PANORAMA DA GUERRA



Quando o Chefe do Estado maior Alemão, General Gustaf Jodl, acompanhado pelo seu Ajuante de Campo, General Hans George von Friedeburg, assinou em Reims, a rendição incondicional das Forças Germánicas.

«A Rabeca»

Recebemos a visita, muito honrosa, deste nosso prezado confrade de Portalegre. Da nota do aparecimento do «Correio de Nisa» e sauda-nos. Muito gratos por todas as atenções, a que corresponderemos, e m b o r a com a debilidade do que é possível cá em casa.

Para a Capital

Partiu, há dias, para Lisboa, acompanhado de Sua Ex.^{ma} Esposa, o Sr. José Diniz Vieira, nosso assinante muito estimado.

Alves de Sousa

Tivemos o prazer de cumprimentar, há poucos dias, em Nisa, o Ex.^{mo} Sr. Joaquim Roma Alves de Sousa, digno Gerente do Banco Nacional Ultramarino, em Portalegre.

Na Praia de Santa Cruz

Nesta encantadora praia do Atlântico, encontram-se a passar a época calmosa a Ex.^{ma} Esposa e filhos do Sr. Dr. João Garcia, nosso assinante e prezado amigo.